

E-BOOK

*Hermes
Trimegisto*

Hélio Couto

HERMES TRISMEGISTO

Canalização: Professor Hélio Couto / OSHO

Prof. Hélio: Boa tarde a todos. Obrigado pela presença.

Existem sete leis que, se fossem entendidas, todos os problemas desapareceriam; tanto os problemas pessoais, quanto os globais, dos países.

Essas leis têm – é um número difícil de calcular, mas, mais ou menos – uns cinquenta mil anos. E a Ciência ainda, tem uma relutância terrível em aceitá-las.

A primeira lei diz: “A mente é tudo”, tudo é mental. Substituindo a palavra, tudo é *consciência*. Essa lei é a base de tudo. Se for entendida, tudo, absolutamente tudo, estará resolvido. É a conclusão que a Mecânica Quântica chegou, porém apenas meia dúzia de físicos aceitam declarar publicamente; os demais falam em código.

Esta é a Revista *Scientific American* deste mês (demonstra o exemplar), que está nas bancas. Além da matéria sobre Mecânica Quântica, também há uma sobre “O Mistério da origem da Massa”. Nesse artigo, discutem sobre qual será a alternativa se o *Bóson de Higgs* não for encontrado. Em Genebra, no acelerador de partículas atômicas, estão prestes a descobrir se é o *Bóson de Higgs* que fornece a massa ou não. Se é o *Bóson de Higgs* que dá massa a todas as subpartículas - aos *quarks* que formam os prótons, que formam os átomos, que formam as moléculas, as células, o fígado, pulmão, coração, você inteiro, o planeta, a Lua, a galáxia, o Universo inteiro, etc. – a primeira pergunta de um físico é a seguinte: “Quem dá massa ao *Bóson de Higgs*?” Porque o problema é mais embaixo. É o *Bóson de Higgs*, a partícula, que transmite massa a todas as demais. Massa é o que? Normalmente, se chama “matéria”. A cadeira, a parede, cimento, cal, areia, porta, tudo que nós chamamos matéria, os físicos chamam de “massa”. Tudo isso surge, vamos supor, do *Bóson de Higgs*. Ele é que dá a aparência de massa às coisas, porque, na verdade, vocês sabem que, em última instância, não existe massa, não existe matéria, só existe uma onda. Mas a pergunta fica: “Quem dá massa ao *Bóson*?” O próprio físico responde: o Vácuo Quântico. Porém, se não é o *Bóson de Higgs* que dá massa, qual é a outra teoria? Há cem anos ela foi anunciada e depois esquecida, mas como agora esse assunto terá que ser resolvido, ela volta a ficar em voga: é a gravidade. Pode ser que a gravidade é que dê massa às coisas. Então o físico pergunta: “E quem dá massa à gravidade?”

Ou, como a massa emerge da gravidade?” Advinha? Através do Vácuo Quântico. Está ali (*aponta para a revista*), a posição de Físicos tradicionais, ortodoxos. Entretanto, o que significa o Vácuo Quântico, é um assunto em que não se pode tocar. Esse é o tabu absoluto da Ciência. Já sabem que existe, já tem nome, sabem as propriedades, sabem tudo o que emerge dele, as leis, o Efeito Casimir etc. Mas, o que é o Vácuo Quântico é o tabu absoluto na Ciência. Só na Ciência? Não. Nas religiões, na política, na sociologia, na economia, em tudo. Se o Vácuo Quântico já tivesse sido entendido, tudo seria diferente.

Como ocorre com a primeira lei, que afirma que *tudo é consciência*. Vocês viram nas palestras anteriores. Os físicos que ousam falar já chegaram à conclusão de que o fóton, o elétron, se comportam daquela maneira “esquisita” devido à consciência do observador; o efeito retardado. Tudo o que existe é pura consciência. Não existe cadeira, mesa, parede, não existe planeta Terra, nada, a não ser consciência. Uma única consciência. Uma única onda com uma única consciência. Por isso que, a lei diz: “Tudo é mente”. Não é que a mente é tudo; é “tudo é mente”. Logo, se você tem uma mente, ela pertence a alguém. Não existe mente individual; só existe uma mente em tudo que existe. Então, cada mente é uma porção individualizada da Mente Infinita. Se é uma porção individualizada, esta mente tem a mesma característica, o mesmo poder, a mesma capacidade da Mente Infinita, quer queira, quer não queira, quer aceite, quer não aceite; para o bem, para o mal, para o seu bem, para o seu mal; à revelia das pessoas gostarem, não gostarem, é irrelevante.

A sua mente é Dele, do Vácuo Quântico. Você tem a mesma capacidade que Ele, usando uma ínfima parte, é lógico, porque não tem consciência disso. Caso tivesse consciência que sua mente é a do Todo, teria a mesma capacidade do Todo. Imagine algo infinito, de poder infinito; se você tirar um pedacinho disto, ínfimo, o poder continua sendo infinito.

Lembra-se do holograma? Se você interfere dois *lasers*, gera uma onda que tem a informação inteira do objeto que foi transferido para o holograma. Se partir em pedacinhos a chapa onde está gravada a onda, você tem a mesma imagem do original, apenas diluindo um pouco a nitidez. Pode cortar um holograma em quantos pedaços quiser, que a imagem original gravada aparece. Mil vezes, um milhão, um bilhão de vezes, pode ir cortando. Pode fatiar quanto quiser, até o espaço de Planck, 10^{-33} , onde não há mais distância entre alguma coisa. A onda estará lá com toda a imagem do original, apenas mais difusa. Isto significa que o poder ainda continua na mente do Todo.

Dessa maneira, tudo que se pensar será criado, tudo que se sentir será criado, imediatamente. Tudo que se falar será criado; quer queira, quer não queira; goste, não goste; aceite, não aceite; entenda, não entenda; saiba, não saiba; é irrelevante. Essa consciência poderia ser aceita imediatamente, mas não é. Quem é o responsável por não entender, aceitar e enxergar isso? Advinha? A própria pessoa é a responsável por isso. É ela que está negando entender, aceitar e agir em função desse entendimento. Há cinquenta mil anos a ideia de que tudo é consciência era aceita. Depois, com o passar do tempo, foi sendo abandonada. Na atualidade, está totalmente esquecida. Mas, num momento em que existe a Física, a Mecânica Quântica, a bomba atômica, fica difícil esquecer que existe átomo. Então, essa concepção está voltando, lenta e gradualmente. Se vocês lerem o artigo, verão que ele apresenta uma série de questões, e conclui “Não sabemos, é um mistério”. Quando não se quer chegar a uma conclusão, o mais fácil é falar: “É um mistério”. Muita gente fala assim, não é mesmo? “Os mistérios insondáveis de Deus”. Quando se quer parar de pensar, de raciocinar, de analisar, a coisa mais fácil que existe é falar nos “mistérios insondáveis”. Mistério insondável, por definição, só poderia ser arguido por um ser inconsciente. Um cavalo, um boi, um chimpanzé, uma bactéria, poderiam dizer: “Nossa, são mistérios insondáveis!”, porque o nível de consciência desses seres ainda é elementar; não conseguem raciocinar, não têm autoconsciência, não pensam. Porém, para quem tem um cérebro, uma mente, existe algo insondável? Nada. Pode-se descobrir absolutamente tudo; não existem limites. E não existe nada “oculto”.

Às vezes, quando um cientista enuncia uma nova descoberta, é tida como um conhecimento “hermético”. Mas as sete leis estão expostas, abertamente. Como podem ter se tornado um conhecimento hermético? Porque interessa a meia dúzia de pessoas, é lógico. Como o conhecimento se torna hermético, oculto, ocultismo? Porque as pessoas que entendem que conhecimento é poder farão de tudo para que os demais não tenham conhecimento. Quanto mais ignorante o povo, mais fácil de ser conduzido. Nada é por acaso. Mas, e nós? E os que já sabem dessas sete leis? Pensem no caso da Ressonância. Aparece uma tecnologia que permite transferir uma consciência para outra consciência. Isso está escrito “com todas as letras” no livro “Ressonância Harmônica”. Se alguém leu, sabe que está lá: “transferência de consciência”. Ponto. Nem mais nem menos.

Dois dias atrás saiu uma matéria na *internet* dizendo que um cientista desenvolveu uns *chips* que podem ser acoplados no cérebro humano e permitem aumentar a capacidade de memória. Experimentaram em ratos e funcionou. A partir disso, estão todos muito entusiasmados, pensando que poderão pôr muitos *chips* nas cabeças humanas e aumentar sua capacidade.

Gozado, não? Quando se fala *hardware*, não tem problema; aparece na *internet*, é notícia no mundo inteiro, em breve vai aparecer na *Scientific American* também, etc., está tudo certo. Por quê? Porque é uma partícula, um *hardware*, um *chip*. Quando se fala em onda, não existe o assunto. Percebem? O problema “dupla fenda” persiste. Por que transferência de consciência não é notícia? Ou mil pessoas, por exemplo, não é suficiente para criar um “ti-ti-ti”, como se fala, uma fofoca, um rumor, capaz de atingir algum lugar além das fronteiras da Avenida Industrial (área de prostituição), de São Caetano, Rudge Ramos, Zona Leste de São Paulo? Não é impressionante isso? É. A notícia de que existe um trabalho que transfere consciência de um ser, vivo ou morto, passado, presente e futuro, para outro ser, vivo ou morto, passado, presente e futuro, simplesmente não existe. Mas essa notícia de que haverá um *chip* que aumenta a sua capacidade já está espalhada pelo planeta inteiro, porque está fundamentada na aplicação de um *hardware*.

Vejam que tudo que é onda, que tudo que é consciência, por decorrência, é ocultado, é ignorado, o máximo possível. Ou as pessoas que fazem a Ressonância, que vêm nessa palestra, que leram o livro, não entenderam o que foi falado agora? Será que a maioria, 99%, não entendeu o que está escrito “com todas as letras” no livro? Ou tem-se medo, vergonha, de falar que se está usando um método que transfere uma onda com informações, quaisquer que sejam, para crescer, para aprender, passar no vestibular, ganhar dinheiro, vender uma casa, ter saúde, para qualquer coisa? As pessoas falam para os colegas da empresa: “Não, eu nasci assim”. Do dia para a noite, quando tudo passa a andar bem: “Fiquei muito mais esperto, muito mais inteligente”, Do nada, surgem mudanças, mas “Eu sempre fui assim”. Como aconteceu com o jogador de futebol de quem o Hélio cuidou, em um mês passou a fazer jogadas que nunca tinha feito na vida, e não abriu a boca, não comentou com ninguém. “Sempre foi assim”, mas nunca tinha tido essa performance. Gozado, não? Por que as pessoas não falam? Porque ainda não entenderam quem é o Vácuo Quântico. Não entenderam que tudo é mente, não entenderam como é a natureza do Universo, como Ele pensa, como Ele sente, como age. Volta-se sempre à velha questão: não se confia no Vácuo Quântico. É lógico, é o óbvio.

Conhece aquela velha história da mãe que fala para os filhos: “Quando seu pai chegar, você vai ver”? Ou então, conta a historinha do bicho-papão, se ele não se comportar direitinho? É ridículo, não? Conta-se isso para criancinhas, de um ano, dois, três, quatro, cinco, para poder impor uma disciplina: “Vem o bicho-papão te pegar”. Constrói-se uma teologia em cima disto. “É melhor você se comportar, senão tem um sujeito lá em cima com um porrete na mão e Ele te manda lá para baixo, para sempre.

Não é por um tempo, é para sempre”. E fala-se isso para quem? Para todas as pessoas de dez, vinte, trinta, cinquenta, setenta, oitenta, cento e cinquenta anos, se houvesse. E isso é aceito por um bilhão e trezentos milhões de pessoas, pelo menos, que passam a conduzir a própria vida com base nessa ameaça. Portanto, um bilhão e trezentos milhões não entenderam que a mente é tudo o que existe. Isto é, não têm a menor ideia de como é a realidade. Baseiam-se numa história contada “Olha, é assim”. Então, voltamos aos “mistérios insondáveis”. Por que não se sonda essa história? Contaram uma história é desse jeito que é o mapa? Você checou para ver, pegou o mapa, olhou no território e comparou para ver se o mapa coincide com o território? É fácil fazer isso. Como? Testando os limites. Fácilimo. Até onde posso ir? Você só saberá se for.

Assistiram ao filme, “Décimo terceiro andar”? Trata de uma realidade virtual dentro de outra realidade virtual. Toda uma civilização criada dentro de um programa de computador. É uma metáfora. E as pessoas que viviam dentro do programa acreditavam estar dentro de uma realidade igualzinha a esta. Lembram-se do *Holodeck*, de *Star Trek*? É absolutamente “real”. Você pega o copo (*pegando um copo*); acha que isso aqui é copo? Você tem a sensação de que é copo, não é? Quem definiu que o bife tem gosto de bife? É pura percepção. É puro “código”, pura informação. A partir de informação, é possível criar qualquer realidade, como esta aqui, que todo mundo jura que é verdade e que é a única realidade que existe. As pessoas que viviam no programa criado no filme levavam uma vida igualzinha à nossa e nunca desconfiavam de que era uma vida virtual e que existia uma realidade acima. Até que uma pessoa começou a testar os limites daquele mundo, e foi indo, indo – não vou contar o filme para não estragar o prazer – a pessoa descobriu que aquela realidade não era real. Mas precisou chegar ao limite para descobrir isso.

No nosso caso, quais são os limites? No seu trabalho, por exemplo. Você já “esticou a corda”, como se fala, para ver até onde pode desenvolver no seu trabalho, até onde pode chegar, até onde sua empresa pode crescer? Ou está dentro daquilo que se chama “zona de conforto”? Na zona de conforto você nunca saberá qual é o limite. Em tudo, na nossa vida, temos que avançar o máximo possível, para ver até onde podemos chegar. Por uma simples razão: o que o Vácuo Quântico espera que nós façamos com a capacidade infinita que Ele nos deu? Essa é a questão. Há dois mil anos Ele narrou a parábola dos talentos. O que você faz com o dinheiro? Enterra no chão, põe na poupança, faz uma aplicação financeira... Quanto rende isso? E se aplicar para produzir, como fica? E se extrair o máximo dos recursos que você tem, físico, mental, emocional, espiritual? É preciso tirar o máximo dos seus recursos.

Já assistiram ao filme “Clube da Luta”? “Nossa! Que violento, não? Só pancadaria.” Esse é o primeiro nível de entendimento das pessoas. Como dizem os hindus, ao ler um livro, têm-se sete níveis de entendimento. Quem ficar no primeiro, não entendeu nada. É como acontece em relação às sete leis. Numa cena no filme, um dos personagens aponta uma arma para a cabeça de uma pessoa que trabalha numa lanchonete e pergunta: “O que você faz?” “Sou o cozinheiro aqui da lanchonete”, responde desesperado. O outro fala: “Eu vou te matar. Então, é melhor você falar a verdade. O que você queria ser na vida?” “Queria ser veterinário.” “E por que você não foi?” “Ah, é difícil.” Então o personagem fala: “Dê-me seus documentos. Eu sei quem você é, onde você mora, quem é a sua família. Você tem seis semanas para começar essa nova carreira. Daqui a seis semanas voltarei a falar com você. Se você não tiver se mexido, morrerá. Pode ir embora.” O revólver estava vazio, sem bala nenhuma. Será que é preciso pôr um revólver na sua cabeça para você começar a dar o máximo de si, no trabalho, nos estudos, em tudo que faz? O filme é uma metáfora; mas existe um princípio – uma lei – que atua como se encostasse um revólver na cabeça das pessoas. E não é o Vácuo Quântico que faz isto; é uma lei de Física, aberta para qualquer resultado. O campo eletromagnético faz isso tranquilamente; é só esperar, não se preocupem. Mas existe uma diferença.

No tambor do campo eletromagnético, todas as balas existem. Quem plantou, colhe – esta é a sexta lei. Pensou errado, cria errado; pensou em doença, cria doença; pensou em pobreza, cria pobreza; cria-se por eletromagnetismo aquilo que se pensa. Mandou, volta. Então, o resultado é líquido e certo. “Empurrou”? O retorno vem. Não fez o melhor? O retorno vem. As pessoas deveriam ficar “de cabelo em pé” com uma afirmação destas, pelo seguinte: qual é a sua capacidade? Você será cobrado pelo campo eletromagnético de acordo com a sua capacidade – dez talentos, cem talentos, quinhentos talentos, mil talentos... Qual é a sua capacidade? Lembrem-se de que no filme existe uma metáfora, uma parábola. Não pensem em falar: “Eu só tenho vinte; o outro tem mil.” Esqueçam isso. Qual é a sua capacidade?

Plateia: Infinita

Prof. Hélio: Isso, infinita. Infinita. Porque você é uma parte do Todo, uma parte do Vácuo Quântico. A mesma capacidade que Ele tem, você tem, em todas as áreas. Muitas pessoas, comparando-se com o que consideram seres iluminados, ascensionados, grandes mestres, pensam: “É lógico, eles podem fazer grandes coisas, mas nós, não... O que cobrarão de

nós?” Muitos se consideram meros mortais, sem capacidade, com Q.I. limitado, sem recursos... Essa é outra racionalização que se usa muito, não? “Existe um Ser que ama incondicionalmente, mas nós estamos longe dessa capacidade de amar, de construir, de realizar, de seja lá o que for.” Fiquem avisados de que isso é mera racionalização, e que, quando se sai desta carcaça, a realidade nua e crua aparece; aparece o que se chama “Centelha Divina”, que tem uma capacidade infinita. Na verdade essa Centelha tem nome, R.G., C.P.F., endereço, histórico, currículo etc. É claro que o nome é grande, porque tem um nome “/” outro nome “/” outro nome “/” outro nome “/”, “/”, “/”, e assim vai. Ou vocês acham que apareceu de onde a estrutura de diretório dos seus computadores no *Windows* e no *DOS*, “/ ‘não sei o que’ /:/...”? É igualzinho, certo? É claro, que é mais fácil dar um único número que substitui tudo. As milhares barras de endereço eletrônico que compõem a Centelha vão crescendo ao longo das eras, mas tem um código que identifica cada uma. Mas quando se retira a carcaça, o que aparece é a Centelha, que tem capacidade infinita. Portanto, a cobrança do campo eletromagnético levará em consideração essa capacidade infinita. Você poderia fazer algo infinitamente maior do que fez. Por que não fez? E não é necessário, sequer, falar isso, porque vem à tona naturalmente.

Todo final de ano, a Margarete vem cantar na nossa festa, e sempre apresenta uma música bem coerente com o espírito de Natal, Ano Novo, virada de ano, que diz: “Eu devia ter... eu devia ter... eu devia ter...” Quem já veio à festa, escutou muitas vezes. É muito romântico, as pessoas ficam emocionadas, pensam: “Vou fazer tudo diferente no ano que vem” – a partir do dia dois, não é? “Eu devia ter saído na chuva.” “Devia ter comido a feijoada.” “Devia ter abraçado os amigos.” “Devia ter feito um monte de coisas.” Essa lista é multiplicada n vezes quando a pessoa sai do envoltório, e tem consciência total da realidade, concluindo que não fez praticamente nada. Se atentarem para a História recente da humanidade, como já foi falado em outra palestra, encontrarão vinte volumes de grandes filósofos, outros vinte volumes de grandes cientistas, mais vinte na Química, na Física, na Biologia, na música clássica, em tantas outras áreas... Quantas correntes existem numa determinada Ciência? Duas, três, quatro, cinco pessoas que ousaram pensar, umas de uma maneira; outras, de outra. E então, vieram muitos seguidores, que produziram vinte volumes sobre o assunto. E assim vai. E se você olhar o “/ / / / /” deles é o mesmo, seis, dez vezes; o mesmo físico veio, descobriu uma coisa, outra, “/”, outra, outra, outra, outra, mas quantos físicos vieram realmente no planeta fazer isso aqui evoluir, somando todos, quantos se destacam? Uns mil? Se olharem seus trabalhos, suas descobertas, verão que se repetem. Meia dúzia, sete. Não foram mil físicos; foi apenas meia dúzia que realmente fizeram algo, que pensaram. Assim, em todas as áreas. Então, o número de vinte volumes

sobre um assunto se reduz a quanto? E se formos pesquisar a essência, a origem daquele físico, que realmente fez algo importante, vamos voltando no tempo e na distância, até constatar que ele não era daqui; apenas veio prestar serviço por estas paragens. Do povo daqui, realmente terrestres, quantos são? Advinha, “chuta”. Nem ousam dizer, porque sabem que o número é zero, zero, zero.

Quando o Hélio fala que os humanos acabaram de descer das árvores, é literalmente isso. Tudo que existe nesse planeta, que evoluiu, veio de fora. Tomem como exemplo as histórias da Suméria. Pesquisem de onde surgiram os sumérios, e como, há seis mil anos surgiu uma sociedade totalmente pronta, com todas as estruturas, social, econômica, política, militar, religiosa, que temos em Santo André. Leiam e pesquisem. “Do nada” surge uma civilização com toda essa estrutura econômica, política, social, militar, tudo igualzinho. Só a tecnologia que é diferente. Na verdade, receberam tudo pronto, “de mão beijada”, como se fala. “Sabem como se organiza? Dessa maneira: o judiciário precisa ter juiz, advogado, promotor. O sistema político tem seus representantes; o religioso, os sacerdotes, as castas, etc. Na economia, se faz a contabilidade: entra/debita, sai/credita.” Tudo isso já foi fornecido pronto, há seis mil anos. E depois de tanto tempo, cadê os avanços, o que mudou? Por acaso mudou a mais-valia que havia na Suméria? A exploração do homem pelo homem mudou? O entendimento do Todo, do Universo, mudou? Continua tudo do mesmo modo. Aliás, o livro conta a história de um sumério que emigrou da cidade de Ur, na Caldeia, com mulher, filhos, gado e todas as suas posses. Ele está na origem. Entendem que a realidade não muda, que a ideia não evolui, não “abre”? Toda vez que se tentou falar: “Vejam, não é bem desse jeito. A realidade é outra. Expande, pensa, raciocina”, essa pessoa é eliminada do meio, rapidamente, para não atrapalhar os negócios, em última instância. Porém, como as pessoas podem considerar que entender a realidade vai contra os negócios? Não “cai essa ficha”, não é mesmo? Quanto mais você tiver consciência da realidade, de como funciona o Universo, como funcionam as sete leis, mais negócios faz, mais dinheiro ganha, mais progride. E se não for por outra razão, é simplesmente porque só você sabe e a maioria não sabe nada. Sua vantagem competitiva é imensa, praticamente infinita. Imagine, você vai ao futuro e volta com toda a informação, sobre tudo. Que empresa que pode competir com você? Que colega, quem, se você tem a informação? De que maneira o fato de entender a realidade pode prejudicar seus negócios, ou sua saúde, ou o que for? Simplesmente não se quer entender como o Universo funciona.

O Hélio fez palestras para um grupo de anônimos, depois de ter falado muito sobre as pessoas serem capazes de realizar o que quiserem,

um menino não se conteve mais e “pulou”, como se diz, e falou: “Bom, a gente não faz, porque, se fizer, eles nos matam”. Depois de muitas e muitas palestras, o menino resolveu falar; apareceu a verdade. Um garoto. Vai dizer que não é essa mesma razão? Por que não fazer tudo o que tem que ser feito? “Ah, eles vão me matar.”

Quando você morre acontece o que? Porque, é claro, se você não entende como que é esta mecânica geral do Universo, você se apega. É simplíssimo, fazer com que todo mundo fique paralisado, quando se transfere para a população a ideia de que o pior que pode acontecer é morrer. E pior, se a pessoa não tiver se comportado direitinho, irá lá para baixo, eternamente. O pânico de morrer é infinitamente imenso. Vocês já imaginaram? Diante do pânico de morrer, a pessoa se agarra de todas as maneiras para alongar esta vida, empurrando bem para frente, se possível, essa hora. E com isso, não faz nada, é lógico, porque se o medo é esse paralisa tudo. Mas ela não entendeu que tudo é consciência, e não sentiu como essa consciência sente. Se sentisse que essa consciência é amorosa, não teria esse medo.

Quando se criam deuses com características humanas, ciumentos e vingativos, é evidente que as pessoas terão medo. Imaginem alguém com um sentimento humano médio, com poder infinito? É mais horripilante do que qualquer filme de terror, inimaginável. É isso que dá pegar a ideia do ser humano e transportar as características para o Divino, criando um Deus com cabeça, tronco e membros, formato humano e todas as características humanas, de ódio, raiva, inveja, mas com poder infinito e humor complicado. Se ele estiver de mau humor no seu dia, você apanha; não adianta ter advogado de defesa, porque esse Deus não vai querer saber se existem atenuantes que diminuam suas culpas. Os filmes sobre Roma mostram isso muito bem, e como Hollywood domina o planeta, acredita-se que tudo que passa nos filmes, tudo que se produzem lá, as pessoas acreditam, certo? Nos famosos filmes épicos de antigamente, a cena mais empolgante é quando todos olhavam o imperador e ele exibia com o dedo em riste, e ficava balançando-o de um lado para outro, criava-se um suspense, porque “O que acontecerá com o dedo dele?” e normalmente, para baixo: está morto. Pois é. Imagina como essa metáfora entra na mente do povo. Já existe a história de que, depois de morta, a pessoa vai ser julgada, correndo sério risco de ir para baixo. Ainda aparece na televisão, no filme, e o imperador aponta o dedo para baixo. Pensam que tudo isso ocorre por acaso? Que é apenas uma cena criada pelo roteirista? Não, tudo isso é pensado; nada é por acaso. Como ficam na mente das pessoas, e como elas reagem a isso? Porque as pessoas não entenderam quem é o Vácuo Quântico. Não entenderam. E tudo continua como sempre. O Vácuo

Quântico já está mais do que explicado em n livros de Mecânica Quântica. Portanto, a partir do momento que esta informação chega até você, não pode mais ficar pensando: “Faço, não faço...”, “Leio, não leio...”, “Estudo, não estudo...” Só é necessário, lembrar bem disso: quanto maior a capacidade, mais a responsabilidade de fazer.

A segunda lei: “Assim como em cima, assim é embaixo”. O macro é igual ao micro. Todas as leis que valem em cima valem embaixo. É uma única realidade. Não importa: macrogaláxias, aglomerado de galáxias, multiversos, e o mundo dos *quarks*, do *Bóson de Higgs*. É a mesma lei que rege tudo. Existe uma unidade absoluta em tudo. Claro, essa segunda lei já é uma consequência natural da primeira. Se tudo é uma coisa só, na verdade não existe “embaixo” nem “em cima”. Portanto, ninguém será tratado de um jeito em cima e de outro embaixo. A lei é para todos. O campo eletromagnético age da mesma forma em tudo.

A terceira lei: “Tudo vibra.” Nada está parado, tudo está em movimento. Por meio dessas sete leis, chega-se à Mecânica Quântica inteira. Não é preciso dar aula de Mecânica Quântica; basta explicar as sete leis. Se as pessoas aceitassem, tudo estaria resolvido. Como não aceitam, é preciso explicar Mecânica Quântica; e mesmo assim continuam não aceitando... Por que tudo vibra, em *hertz*, em frequência?

Porque tudo é uma onda. Está implícito que, se tudo está vibrando, é porque tudo é uma onda, tudo oscila. Desse conhecimento já extrai também a dupla fenda, novamente, e todas as suas decorrências; e a informação gravada eternamente na onda. Senão, para onde iria a informação? É interessante isso, não? Há quem diga que a informação não existe. Se for assim, para onde ela foi? Se há uma única onda em toda a existência, em tudo que existe, para onde a informação iria “fugir”, escapar? Depois de cinquenta anos de discussão do Roger Penrose com o Hawking, chegou-se à conclusão de que a informação, quando penetra no buraco negro, permanece. Vocês acompanharam a matéria na *Scientific American*, dizendo que a fumaça, as cinzas de uma biblioteca, contêm toda a informação daquela biblioteca. A informação está na fumaça do livro, na cinza do livro. Só faltou falarem “na onda do livro”. Mas é proibido falar “onda”; então, está lá “na fumaça do livro”. Só não sabem como acessar o conhecimento por meio da fumaça. Isso está lá, numa revista científica. Se, na Física, já se chegou à conclusão de que a informação não desaparece quando cai no buraco negro, para onde ela iria? Para fora do Universo? Existe alguma coisa fora do Universo? Se você viajar bastante, numa direção, daqui a noventa bilhões de anos-luz, o que vê pela frente? O Hélio já falou sobre isso. Mais espaço. E se continuar a andar por mais noventa

bilhões de anos-luz, o que verá? Mais espaço. Não termina nunca. É infinito. Então, a informação iria embora para onde? É lógico que tudo o que acontece – todos os pensamentos, sentimentos, ações, palavras, etc. – tudo continua, dentro da bola da onda única. Continua dentro, porque não tem para onde ir; não existe nada fora. E está escrito no livro: “Deus é tudo que existe”. Ponto. Fica assim resolvido que a informação continua existindo? Que toda informação pode ser acessada? E que tudo que pode ser acessado pode ser transferido? Lembrem-se dos endereços de internet que têm “// // //”? Toda informação tem um endereço. Portanto, é possível pegar essa informação e transferir para outro endereço. Qual é o problema para se fazer isso? O único problema é entender como pensa e sente o Vácuo Quântico. É simples.

“Como será que o Hélio faz isso?” Essa é a pergunta que não quer calar, como no filme ”J.F.K.”, certo? Lembrem-se? É preciso raciocinar, pensar, analisar os “mistérios insondáveis”. Mas isso é trabalhoso, não é mesmo? É a zona de conforto, como é que faz? Sabe quanto tempo o Hélio levou para chegar a essa informação, para que concluísse nesta vida? Quarenta e seis anos de pesquisa, nesta vida. O que se quer? E as pessoas querem esse conhecimento num estalar de dedos, “de mão beijada”. Como se pode dar “de mão beijada” algo com esse nível de poder? Raciocine sobre o perigo desse nível de poder estar nas mãos de alguém inescrupuloso, com todas as tendências humanas, de ódio, raiva, vingança. Ontem mesmo me perguntaram isso de novo. Esqueçam. Daqui a muito tempo, quando esta humanidade evoluir, ela poderá ter acesso a todo o conhecimento. Por enquanto, é impossível. Porque seria usado para o mal, imediatamente, como se usa a bomba atômica. A tecnologia aparece para que haja crescimento, haja evolução, mas o que se faz imediatamente? O que foi feito em cinco anos, de janeiro de 1939 a 1945? Se não houvesse a dificuldade para fazer o combustível atômico, no dia seguinte à descoberta, pulverizava, dissolvia.

Para ter conhecimento é preciso vibrar, para cima. E vibrar é ascender a um estado maior de harmonia e amor. Só isso. Quer aumentar a sua vibração, para ter cada vez mais de tudo? Apenas um elemento aumenta a vibração: **é o Amor - e a sua decorrência – harmonia**. É a única força que faz aumentar os *hertz*, a frequência. É o óbvio, é absolutamente lógico. Se o Vácuo Quântico é 100% amor, e Ele é, tem infinita vibração, porque Dele é que emerge tudo. E quando emerge, já é uma redução – é sempre uma redução, uma transformação que vai reduzindo a vibração, porque o *Bóson* deve vibrar menos, o *quark* deve vibrar menos, o próton, o átomo, a molécula, a célula, até o cérebro vibrar em doze, quinze vezes por segundo, quando cada átomo do seu corpo está

vibrando quinze trilhões de vezes por segundo. O átomo vibra quinze trilhões de vezes. Ele faz “assim” (*demonstra o dedo vibrando bem rápido*). Mas o seu cérebro, vibra doze, vinte vezes por segundo. Imagine para se poder conversar. Toda esta redução, esse “freio que está sendo puxado” é para poder se trocar informação. As ondas beta, alfa, delta, vibram nessa frequência precisa baixar para podermos conversar. Já imaginaram dois átomos conversando, o quanto que eles ganham de informação, vibrando quinze trilhões de vezes por segundo? E nós a vinte, doze, dezoito? Imagine, quanto mais perto do Vácuo Quântico, mais informação se tem, mais se gera, mais se troca. É por isso que chega uma hora em que não se fala mais; é tudo mental, é tudo telepático. Não existe veículo de informação que possa trafegar nessa velocidade: chega-se a um limite. E chega-se a limites de vocabulário. Como se traduzem determinados sentimentos em palavras? É impossível. Então, manda-se um sentimento e recebe-se um sentimento. É nesse nível que o Vácuo Quântico conversa. É o meio mais rápido que existe de transferência de informação. Trocando amor com amor. Nesse caso, a vibração é altíssima; conseqüentemente, o poder é altíssimo; tudo é abundante. Portanto, para resolver os problemas, é preciso aumentar a vibração.

Quando você faz a Ressonância, entra uma vibração altíssima em sua onda. Você é uma onda, recebe outra. As duas precisam entrar em fase para transferir a informação. É preciso você se elevar para poder receber tudo, caso contrário, não entra em fase. No entanto, como é que reage a pessoa – a maioria – a uma onda de amor?

Estão lembrados de que a onda que porta a informação – como, por exemplo, o curso de *MBA* de Finanças, que o cliente pediu – essa onda é o próprio Vácuo Quântico? Pensam bem nisso. É o próprio Vácuo Quântico que transmite o curso de Inglês, o curso de mecânica de automóveis, qualquer outro curso, como jogar basquete, como praticar alpinismo, qualquer coisa. É a onda Dele que porta a informação que você quer, da mesma maneira que é a onda Dele que porta o programa de rádio, de televisão, o *GPS*, a *internet* sem fio, seu celular.

Então, se é possível transferir programa de televisão na onda do Vácuo Quântico, não há problema nenhum em transferir qualquer outra informação, concordam? Muito Bem. Porém, a pessoa quer receber a carta sem o envelope. É claro. “Não, não, não. Eu não quero pegar nesse envelope, não quero precisar rasgar, abrir... Quero acessar a informação que está dentro do envelope, mas sem colocar a mão no envelope.” É isso o que a maioria faz. E entra um resquício, não é? O carteiro faz a entrega: “Tome. Você recebeu”. Então, a pessoa precisa transportar o envelope

para dentro de casa; sobra um resquiciozinho do envelope em sua mão. E assim que ela sente o envelope, diz: “Saia daqui”. E joga no chão, longe, porque contamina. O **Amor do Vácuo Quântico contamina**, porque ele entra e força a pessoa a entrar em fase com Ele, por...? (*espera a manifestação da plateia*). Por **Ressonância**. O nome tem tudo a ver. A pessoa vai *ressoar* junto. Não é possível evitar; precisa ressoar. Mas quando começa a ressoar um pouquinho, bate no seu paradigma, e a pessoa reage com “pé no freio”. Não dá nem chance do Vácuo Quântico falar: “Espere um pouco, não ‘delete’ (*faz um gesto, como acionasse a tecla ‘delete’ do computador*). Em um mês, dois, três, quatro, abandona a Ressonância. Assim que sente o perigo, o cheiro do amor: “Não, não. Não quero saber disso na minha vida. Porque me transformará, eu vou mudar, terei que assumir um compromisso, me posicionar, terei que sair da zona de conforto, mudar meu paradigma, jogar fora todos os tabus, preconceitos, etc., terei que perdoar, pedir perdão, e eu quero continuar odiando aquele sujeito; é tão gostoso odiar. Não cedo. Não perdo”.

O Hélio ouve isso nas anamneses. O que se conclui é que a pessoa sacrifica todo o benefício que iria receber da Ressonância, de alegria infundável, de um bem-estar absoluto, que ocorre quando se tem os neurotransmissores no ponto ótimo, no máximo da capacidade humana de senti-los. O sistema nervoso central tem tal capacidade, que a fibra nervosa é capaz de receber informação, tanto de dor quanto de prazer. Quem tem o neurotransmissor no auge da produção, no ponto ótimo, tem um nível de prazer extremo. Mas a pessoa recusa isso. Prosperidade, abundância em tudo, todas as benesses possíveis e imagináveis – que este plano da existência permite, é claro – a pessoa recusa, em um mês, dois ou três. Ou nem começa, com pavor de ficar feliz, de se realizar em todos os aspectos.

A autossabotagem é imensa. As pessoas fogem, com todas as forças, mesmo se calhar de vir num atendimento de quinta-feira e, encontrando seis, sete, oito pessoas aguardando, e ouvir alguns depoimentos sobre questões extraordinárias que tenham acontecido com elas. Mesmo ouvindo aquilo, eu um ou outro fala, a pessoa abandona. Ela vê que há pessoas que conseguem resultados extraordinários, mas não quer correr o risco de acontecer com ela também. Essas realizações são apenas uma questão de tempo; não existe impossível nisso. É vibração, é frequência, é ressonância.

Quando se transfere a informação, muda a informação anterior, muda o neurotransmissor, produz-se uma mudança total, é eletromagnetismo. Como a pessoa não ganhará dinheiro? Como não terá sua loja cheia de clientes? Como não venderá? Impossível. Um dos clientes duplicou seu salário, sua renda, no segundo CD. Outro trocou de firma e já conseguiu

uma venda de 100 milhões de dólares, em três meses. E assim por diante. Por que muita gente não corre o risco de ter toda essa prosperidade, tudo isso de bom na vida? É um caso para se pensar – como o ser humano escolhe o sofrimento, por incrível que pareça. Quando vê uma possibilidade de ficar feliz, foge de todas as maneiras. Só existe uma explicação, repito novamente.

Ele não entende nada do que está acontecendo. “Onde estou, de onde eu vim, o que estou fazendo aqui, para onde vou e como funciona esse negócio?” Como não entende esse processo de transformação, além de ter escutado um monte de historinhas durante a vida, já criou um paradigma em sua cabeça.

Vocês podem perceber que já deveríamos estar em outro patamar. A lei diz **“tudo vibra, tudo está em movimento”**. É uma “receita do bolo”. Essas sete leis são a “receita do bolo” para todas as situações: para você ser feliz, ser saudável, ter prosperidade, ter a vida mais plena possível e crescer sem parar.

A quarta lei diz: “Tudo é dual, tudo tem seu duplo, tem seu oposto”. Bem / mal, amargo /doce, todos os opostos se reconciliam porque é preciso haver equilíbrio. Você não poderia ter só um lado. As coisas não poderiam ser únicas, senão como ficaria a balança? Como poderia haver só um polo, só próton, só elétron? Não é possível construir nada só com próton ou só com elétron. É necessário haver as duas cargas para formar um “tijolinho”, como falava outra pessoa, para que se possa construir tudo na realidade “material” com esse “tijolinho”, chamado “átomo”. O que se chama de “mal” faz parte do Todo. Então, os “mistérios insondáveis”... Por que acontecem todas essas desgraças no mundo, os assassinatos, etc.? “Não deveria acontecer nada disso. Só deveria haver um lado.” Se existe um raciocínio ilógico por natureza, é esse: só haver um lado. Como poderia acontecer isso? Apenas se não houvesse raciocínio, não existisse o livre-arbítrio; só assim. Nem no mundo animal pode haver só um lado. Quem já teve cachorro ou gato sabe que cada animal tem uma personalidade. Até no mundo animal já fica definido quem está de um lado e quem está de outro, e quem está pendendo para um lado ou para outro. Sempre existirão os dois lados. É inerente ao Todo. Como o Todo poderia cercar a si próprio? É isso que as pessoas pedem: que Ele cerceie Sua própria capacidade. “Ele não pode ser Tudo, não pode expressar Tudo, só pode expressar uma coisa.” Ainda que fosse possível, quem faria isso? Quem cercaria o Todo? Teria que ser alguém fora Dele, certo? Ou seria necessário haver um outro deus, que coibisse Ele de fazer? Ou então tem que ter dois? Ai, já complicou tudo. Porque, se só tem um, Ele não pode se cercar. Ele precisa

ser toda possibilidade infinita, como se fala na Mecânica Quântica. Potencialmente, quem escolhe o que se chama o “mal”? As criaturas. As criaturas é que fazem as escolhas de um lado ou do outro. Tudo está em aberto. Ele, em Si, não tem nenhum problema com relação a isto. Lembra-se de que o campo eletromagnético ajusta toda esta contabilidade, inevitavelmente. Portanto, as pessoas não precisam se preocupar nem um pouco com isso. Mas muitos começam a arguir aquela famosa palavra ou expressão: “Isso não é justo”. E uma quantidade imensa de pessoas usa essa racionalização para validar as bobagens que acabam fazendo. Em último nível, em última instância, é absolutamente justo. O campo eletromagnético emitiu, há um retorno. Essa contabilidade fecha “zero a zero”, com certeza. Porém, não é neste nível de dimensão. Mas, como o materialista só enxerga esta dimensão, um palmo na frente do nariz, quer que seja justo nesta dimensão, e em consequência precisa aplicar aquela velha regrinha do “olho por olho e dente por dente”, nesta dimensão. Se ele, desapegasse disso e deixasse o ajuste da contabilidade ser feito pelas autoridades competentes, gastaria seu tempo sendo feliz, vivendo alegre e feliz e não se preocupando em se vingar de quem quer que seja. No entanto, como ele acredita que só existe esta dimensão da realidade, ele precisa fazer justiça aqui, agora. Vejam vocês, a ignorância da primeira lei, começa a trazer problemas para a aplicação prática de todas as outras leis na vida das pessoas. Tudo porque não se aceita a primeira. Assim, evidentemente, tudo se desarrumará.

A quinta lei diz: “Tudo é um fluxo; tudo flui”. As pessoas adoram o que se chama “linear”. Acreditam que é “assim” (*traça uma linha reta no ar*) até o infinito, eternamente. É o que se chama “estável”. Alguém está na U.T.I. (*Unidade de Terapia Intensiva*), mas está estável. Todo mundo acalma, relaxa. “Beleza! Está resolvido.” “Estável”, deve ser sinônimo de “zona de conforto”, certo? O Universo vibra, não existe nada estável. A vibração minúscula do *Bóson*, que sempre vai se elevando, até atingir níveis altíssimos, por ressonância, faz com que os aglomerados de galáxias balancem, para lá e para cá. Os humanos descobriram isso, há pouco tempo. Chama-se “Teoria do Caos”. Todo o sistema faz assim (*no ar, traça uma espécie de “oito” horizontalmente*). O percurso pode variar, mas movimento é esse. Sobe e desce, ascende, decai, ascende, decai. Ilya Prigogine, Nobel de Química em 1977, chama esse processo de “Teoria das Estruturas Dissipativas”. Ele definiu, exatamente, a Matemática que rege esse movimento. Contrariar isso é desastre na certa – físico, mental, emocional, financeiro, econômico, social, político, etc. Qualquer sistema que não obedeça a essa lei está fadado ao fracasso, a ter problemas. Mas os humanos adoram a ideia do estável, linear.

Quando se fala: “relaxe, solte”, reagem: “De jeito nenhum; preciso usar força em qualquer coisa que faço”. Por quê? A pessoa acha que é ela que está fazendo; então, precisa empregar muita força. Se “soltar”, vai desabar tudo. Não entende, é claro, que quem sustenta tudo é o Vácuo Quântico, quem oscila, tem fluxo, quem vibra é o Vácuo Quântico. Essa pessoa quer contrariar toda a forma de ser do Vácuo Quântico. Imaginem o resultado. Vamos ver um exemplo: bolsa de valores. O maior especulador de todos os tempos foi Jesse Livermore, foi o Pelé da especulação, um gênio. Ele não precisava raciocinar. Em 1880, 1890, ele olhava as fitinhas passando no papel (*era como as cotações eram mostradas naquele tempo*) e, apenas com um olhar, sabia onde aplicar, onde não, quais ações subiriam, quais cairiam; tudo. Fazia suas aplicações e ganhava, ganhava e ganhava. Ainda era jovem, mas ficou muito conhecido, porque ganhava sempre. Olhava, comprava; quando as ações subiam, vendia. Chegou a um ponto em que nenhuma corretora de sua cidade permitia que ele entrasse para fazer aplicações. Por isso, precisava trocar de cidade e foi passando por muitos lugares; ficou milionário. Mas, de vez em quando, ele olhava o pregão e, em vez de fazer aplicações, pegava um trem ou um barco, o seu barco, ia para Miami e ficava velejando por dois, três, quatro meses. Às vezes, dava outra olhadinha, e continuava velejando. Outras, depois da olhadinha, voltava para Nova York, e continuava suas operações. Transponham isso, para operadores de bolsa atuais. Vem um cliente e fala: “Vou operar na bolsa e ganharei todo mês, toda semana, todo dia, todo semestre, todo ano”. E quando falamos: “Não é desse jeito que funciona o sistema.”, ele teima “Não, é assim”. Adivinhem o que acontece. Um mês depois, ele volta: “Perdi muito dinheiro”. Mais um mês, e ele desiste da Ressonância. Não funcionou a Ressonância, porque ele tinha que ganhar “todo santo dia”.

Plateia: Mas, isso não é ganância?

Prof. Hélio: Não, não é ganância; é entender como funciona o sistema. O Jesse Livermore tinha uma ambição enorme, tornou-se o maior do mundo. Mas ele não tinha o apego: “tem que ser desse jeito”. Ele “batia o olho”, e sabia: agora está subindo, agora está descendo. Ele sentia o fluxo natural do Universo, ou do planeta Terra, ou da bolsa de *Wall Street*, seja lá o que for, como algo, absolutamente natural. Em tudo existe fluxo: no mercado, na vida. Tudo flui, e como flui, tudo tem seus altos e baixos. É uma forma de falar - altos e baixos” – está bem?; tudo está apenas fluindo continuamente. Imaginem quem entender isso e aplicar em tudo o que faz. Vai ganhar muito dinheiro com as leis herméticas. Somando todas, passa a ter um raciocínio holístico. Portanto, tudo flui. Ir contra a maré é demência pura; demência; é “dar murro em ponta de faca”. É preciso ter sensibilidade

para perceber quando o mercado está na alta e quando está na baixa. Senão, “fica com o mico na mão”, como falam na bolsa. Quem não entende o fluxo, comete o erro primário de comprar depois que as ações já estão subindo há algum tempo, e vender, ou tentar, depois que a descida começou. É ridiculamente simples. O maior operador da bolsa de Chicago é um zen-budista, porque, literalmente, ele entende que em tudo existe um fluxo. Então, sintam: assim que começa a subir, compra-se; subiu um pouco, vende-se. Porque logo adiante começa a cair, não é? Existe uma faixa minúscula para operar com lucro. Mas, quando começa a queda, é muito difícil ter humildade de reconhecer: “Fiz besteira”. Então, segure. “Não, vai subir; vou esperar”. Fique “com o mico na mão”, esperando. Sabe quando vai subir? Depois que descer bastante começará a subir de novo.

Devido à questão recente da “bolha”, de 2008, foi feita uma pesquisa, uma estatística da bolsa de Nova York, desde, se não me engano, 1831 até 2008. Existe uma famosa afirmação de que, a longo prazo, a bolsa sempre dá lucro. Então, quando ocorreu esse *crash*, resolveram fazer uma verificação, reunindo dados de muitos anos. E dados confiáveis. Colocou-se tudo num supercomputador e chegou-se à seguinte conclusão: quem comprou em 1831 e vendeu em 2008 não ganhou nada. Então, é preciso ser definido “aplicar a longo prazo”. Dez anos, cinquenta, cento e cinquenta anos? O que é longo prazo? Ficou provado que é apenas outra historinha contada para as pessoas deixarem seu dinheiro aplicado a longo prazo. É lógico, ninguém deve entender que a bolsa é um cassino. O Jesse entendia assim: é jogo; e ele jogava. Sabendo bem como o jogo funcionava, ele jogava e ganhava. Mas, a quem convém que as pessoas entendam que a bolsa de valores é um jogo? A meia-dúzia? Convém que muitos acreditem nisso, porque vão colocando dinheiro, e ele vai sumindo; quanto mais se põe, mais some. E quem ganha? Quem tiver entendido que o sistema é um fluxo. Para não falar que é um negócio humanamente controlável e controlado. Os fluxos não são mais naturais; são artificiais, criados e manipulados. Pense se estivesse sob seu controle, à capacidade financeira de ter vinte bilhões de dólares num fundo seu, o que você não faria em termos de operações? Induziria todas as altas, todas as baixas. Induzindo a alta, as pessoas compram, você vende. Em seguida, provoca uma queda; quando as ações estão lá embaixo, você compra, induz mais uma subida; as pessoas compram, você vende; então o valor despenca, e assim vai, num contínuo movimento de subida e descida.

De 1929 a 1932, por trinta e duas vezes a bolsa de Nova York subiu mais que 6% num dia. Lembram-se, em 1929 estava no topo e, em 1932, no fundo do poço. Foi a chamada “Grande Depressão”. Nesse período, a

cada uma das trinta e duas subidas de 6%, todo mundo achava que tinha acabado a crise e comprava; e perdia tudo. Um mês depois, com nova alta, comprava e perdia tudo. Um mês depois... Basta calcular quantos foram os meses de 29 a 32. Dá quase uma grande alta por mês. Perceberam? Tudo induzido. Começou-se em alta, e chegou-se no fundo do poço. Mas, neste caminho descendente, sempre houve um movimento de subida e descida (*sobe, desce, sobe, desce*). Entenderam? Todo mês ocorria uma alta de 6%, para “desovar”. Quem não entende que esse processo é um fluxo, e que esse fluxo também é facilmente manipulável, só perde.

A sexta lei: “Causa e efeito”. Plantou, colhe. Envia, recebe. Então, é lógico, que não se deveria plantar nada negativo, porque volta negativo. A não ser que não se entenda nada disso, não se entenda que a consciência é tudo, que existe um campo eletromagnético automático que ajusta tudo. Há quem pense que se pode fazer qualquer coisa, porque não tem retorno, não tem volta. Digamos que é o que a maioria do planeta pensa, não é? Que não existe lei alguma regendo o efeito, que a causa não provoca efeito. É a mesma coisa que acontece com relação à dualidade: só querem um lado, não o seu oposto; só querem a causa, mas não o efeito. Está claríssimo que toda causa produz efeito, não? Mais elementar que isso...

A sétima lei: “Gênero”. Tudo no Universo tem gênero. Traduzindo, *Yin* e *Yang*. Gênero: masculino e feminino. No Universo inteiro, tudo que existe tem gênero. O gênero tem suas próprias leis. Contrariá-las leva sempre ao mesmo resultado: problema. Essa, provavelmente, é a mais conhecida e a mais polêmica das sete leis. É a mais evidente, a mais aparente. E toda vez que se explica esta lei em termos de Mecânica Quântica, a polêmica é certa. Porque quer ser o mundo da quarta lei: só o bem, só um polo, nada dual. Então, quer-se só *yin* ou só *yang*; só próton, só elétron. Como é possível ter uma realidade com um polo só? Impossível; já foi explicado. *Yin* e *yang*. Se não tem um campo, fica extremamente complicado tudo funcionar. Os orientais entenderam isso perfeitamente. Fica parecendo que é apenas um pensamento dos orientais. Mas é a sétima lei. Quando não existe campo, fica tudo “capenga”, como se fala, porque fica totalmente desbalanceado. Se um negócio tiver *yang* demais, acha que vai funcionar? Essa pessoa que falou que quer uma bolsa de valores estável, em que ganhe todo dia, todo mês, sempre, tem um raciocínio totalmente *yang*. Ele não quer fluxo, não quer alternância. Quer só estabilidade para o seu mundo pessoal. No mundo dele não existe *yin*; só existe um polo. Resultado: essa pessoa perderá na certa, porque não tem flexibilidade mental, emocional, para entender que a bolsa, por exemplo, oscila, flutua. E um fluxo. É um conceito *yin*. Já diz o nome “fluxo menstrual”. A alternância de humor de uma T.P.M. (*Tensão Pré-Menstrual*)

faz parte do Universo, da essência das coisas. Querer abandonar isso é totalmente fora da realidade. Cortar é ficar sem nada, mas muita gente vai tentando cortar, ao longo do tempo. Mulheres, tomem cuidado! Vocês podem virar homens. Os homens não têm T.P.M., mas se as mulheres cortarem suas características próprias, acabarão com o *yin* e se tornarão *yang* cada vez mais. Sem haver campo, nada funcionará ao longo do tempo. Como o Universo precisa ter equilíbrio – e procura o equilíbrio sempre – não é um lugar em que se pode “dar um jeitinho” e viver em desequilíbrio. Vou traduzir: “empurrar com a barriga”; não é possível fazer isso durante *X* tempo. Mais cedo ou mais tarde, o Universo fará um ajuste para que volte ao ponto de equilíbrio, para poder funcionar perfeitamente. Já imaginaram, se os sete bilhões de pessoas deste planeta, resolvessem viver em desequilíbrio? Todo mundo “empurraria com a barriga”, contrariaria o fluxo, a dualidade, todas as leis. O que aconteceria com a estrutura do planeta? Percebem? Com a civilização *yang* que está sendo desenvolvida há tanto tempo, já é possível ter uma ideia do que está acontecendo ecologicamente. É possível perceber que tem algo errado. Terremotos, *tsunamis*, vulcões, etc., são fruto de uma abordagem, predominantemente, *yang*. Se isso fosse levado “a ferro e fogo” pelos sete bilhões, precisaria haver um ajuste para que essa polaridade voltasse ao normal. Normalmente, esse ajuste é feito com meteoros e cometas. Saiu do rumo, ajusta-se. Estão sobrando meteoros de todos os tamanhos, pesos, etc., todos circulando bem pertinho. A coisa mais fácil é “dar um peteleco”, tirar um de órbita, pô-lo em outra órbita e ajusta-se tudo. Normalmente, isso é usado quando se quer grandes transições evolucionárias. Chega de dinossauros, os geneticistas já “brincaram” bastante; sai uma equipe, entra outra; encerra-se esse departamento e abre-se outro, para existirem mamíferos. Entra outra equipe de geneticistas e esses “vão brincar” em outro lugar que está começando, e assim por diante. Assim sendo, normalmente, não há grandes problemas em se ajustar eras. Mas, de vez em quando, quando se exagera, é preciso fazer um ajuste um tanto quanto drástico.

Na palestra sobre *Yin e Yang*, não se especificou nenhuma definição de sexo? *Yin* e *yang* são emoções; é uma escolha pessoal. A pessoa é de um modo, é de outro. Levar a questão do *yin* e *yang* ao nível físico só trará mal-entendidos, tabus e preconceitos, todo tipo de erros. Lembrem-se daquela frase: “Os meus pensamentos não são os seus pensamentos”? É um erro condenar, matar pessoas que têm uma opção diferente na visão de quem está olhando, porque, na realidade, não é opção nenhuma – a pessoa é *yin* ou é *yang*, por natureza. Qual a vestimenta, no momento, é irrelevante. Aliás, essa Centelha vestirá ambas *n* vezes, de acordo com a vontade, com o desejo, com o aprendizado, com as experiências que se quer ter. Portanto, não se pode olhar o físico; é necessário olhar a essência

– *yin* e *yang*. Se isso for respeitado, com certeza o relacionamento funciona, independentemente do corpo que está sendo usado. As mesmas regrinhas que existem para os relacionamentos hetero, existem para os homossexuais. A problemática é a mesma: como achar alguém, como manter, como ser feliz, como... É literalmente a mesma problemática; não tem o que tirar nem pôr. Por quê? Porque tudo é *yin* e *yang*. A dificuldade do *yang* em entender o lado *yin*, o lado sensível, é a mesma, independentemente do corpo que esteja sendo usado. E a dificuldade do *yin* em entender o *yang*, a mesma também. Portanto, todo tipo de julgamento nesse aspecto, antes de qualquer coisa, contraria a sétima lei, a essência do Universo - como é que ela funciona e como é que ele funciona.

O Universo é *yin* e *yang* ao mesmo tempo e, por ser assim, é que existe a multiplicidade. Ainda vai levar tempo para que esse assunto seja aceito sem mais preconceitos e tabus. Toda vez que se fala em expressão sexual, há divergência, há uma oposição enorme. Porém, se o *yin* e *yang* não funcionarem, não há negócios, dinheiro, evolução, saúde; nada vai funcionar. Jogar essa problemática “para debaixo do tapete” é adiar a solução do problema para outra vez, outra vez, mais outra, enquanto se vai trocando, vai trocando de vestimenta; é simplesmente adiar a solução, porque chegar-se-á ao equilíbrio de qualquer forma. Só se chega a um ser evoluído, quando isso está totalmente equilibrado, meio-a-meio. Caso contrário, advinha? O *yang* usará todo seu poder para dominar, escravizar, etc. e o *yin* fará o quanto puder para retaliar essa situação.

Vejam a oscilação que aconteceu há cinquenta, sessenta anos, quando, por causa da Segunda Guerra Mundial, as mulheres puderam sair de casa e trabalhar e, depois que saíram, não voltaram. No início, a tendência era de se igualar, de igual para igual, quer dizer, virar homem, o *yin* passar a ser *yang*. Isso não funciona. Não funcionou, vocês veem os resultados. De qualquer maneira, como fazia cinco mil anos que o lado *yin* estava subjugado, assim que pôde se expressar, o impulso de crescimento foi gigantesco. Imagine algo reprimido cinco mil anos? Quando houve oportunidade de expressão; está aí se expressando, em tudo. E o que aconteceu? Se analisarem bem, verão que, a partir de 1950, o crescimento do *yin* segue uma linha diagonal ascendente e o *yang* segue uma linha horizontal, estável. Consultem a História. O lado *yang* se manteve estável durante cinco mil anos. “Engessou” o planeta, durante cinco mil anos de desequilíbrio *yang*. Tudo *yang*. A consequência foi: perdeu-se o equilíbrio. Quando o *yin* pôde se expressar, pegou tal impulso que até agora não parou, e ainda vai muito longe, distanciando-se cada vez mais do *yang*. Lembram-se da explicação sobre posição e *momentum*? A posição da partícula e sua velocidade - não é possível medir as duas variáveis ao

mesmo tempo. Esse é o Princípio da Incerteza, do Heisenberg. O *momentum* do *yin* é crescente e a posição do *yang* é estável. Adivinhem onde isto irá parar se não houver um reequilíbrio, novamente? Isso ocorrerá nos séculos futuros, levará ainda, um bom tempo, para poder encontrar um equilíbrio, mas por enquanto, o fosso é cada vez maior. Então, num futuro imediato, se fará um grande esforço no planeta todo para se chegar a este equilíbrio. Os *yang* terão que se abrir ao conceito *yin/yang*, a que existe esta força *yin/yang* e que é necessário haver um equilíbrio entre elas. Porém, se vocês já falaram desse assunto com alguém, sabem como é difícil, para o ocidental, aceitar o conceito *yin* e *yang*. Costumo ouvir: “Posso fazer tudo sozinho”. A primeira “tentação” que vem é: “Para que preciso do outro? Posso fazer tudo sozinho”. Negar a sétima lei, negar que haja equilíbrio.

É inevitável que, tudo o que partir para o desequilíbrio, haverá problemas, porque para decidir, qualquer coisa, são necessários dois polos; precisa de uma análise *yang* – masculina, digamos, – e *yin* – feminina – para os dois concluírem sobre qual a melhor opção, qual a melhor ação. Decidir sozinho é praticamente certo que é problema. Uma vez ou outra em que se decida sozinho, não haverá problema. Mas, se for assim por cinco, dez, quinze, vinte, cinquenta anos, pode ter certeza que sim. Sozinho não há sensibilidade, não há intuição para enxergar a realidade.

Yin e Yang formam um campo; sem amor não existe campo. A tentação é grande das pessoas em dizer: “Quer dizer que um homem precisa ter uma mulher, e uma mulher precisa ter um homem? E assim está resolvido? Ah, eu já tenho campo.” Querem ver as pessoas ficarem muito irritadas? Ocorre quando o Hélio pega clientes com essa visão de mundo; que estão num relacionamento que não tem campo, em que tudo dá errado. O Hélio explica o conceito e fala: “Veja, todas as evidências...” - para não falar “certeza absoluta” - “... mostram que vocês dois não têm campo, não formam.” Soa como se fosse uma ofensa. O que fazem, então? Negam. “Não; existe campo.” Quem fala assim, vai persistir no erro. O resultado mostra que o problema aumenta, porque toda vez que alguém está no erro e põe mais força ainda, aumenta o erro. Mesmo mostrando que houve erro, algumas pessoas não aceitam. Como consequência inevitável, abandonam a Ressonância, porque “O Hélio falou alguma coisa que não gostei ou não queria ouvir”. “Só vim para pedir as coisas, não quero saber de evoluir, crescer, ficar feliz, não quero saber de nada disso. Só quero casa, carro, apartamento.” E quando, para a pessoa conseguir casa, carro, apartamento, o Hélio é obrigado a explicar: “Amigo, se você não equilibrar isso, não tem casa, carro, apartamento”, ele vai procurar outra pessoa; vai num feiticeiro ali na estação, ou qualquer outro que fale que ele vai ter casa, carro,

apartamento, do jeito que ele está, e que não precisa mexer em coisa nenhuma. Até ele descobrir que o feiticeiro “A” também não conseguiu o que ele pretendia. Então, vai ao feiticeiro “B”, “C”, “D”, “E”, “F”, “G”, e assim por diante. Quando abandonar os feiticeiros e voltar, continuará a mesma história, até que a “ficha caia”, até que entenda que não adianta contrariar as leis do Universo, porque só terá problemas, não terá resultados positivos. Portanto, *yin* e *yang*, sem amor, é impossível. Depois de certo tempo, é impossível de se manter. É claro que, podemos “forçar a barra” por algum tempo. Porém, quanto mais se “força a barra”, mais acontece a chamada “somatização”, até que atinge um grau extremo e a pessoa vai para a outra dimensão. E se, na outra dimensão, ela persistir na mesma crença, por muito tempo, voltará com o mesmo problema. Só porque partiu para outra dimensão os problemas acabam? Energia é energia, em qualquer dimensão do Universo; é tudo a mesma coisa. Pensem numa pessoa que agregou uma quantidade *X* de antimatéria no fígado, no pulmão, simplesmente porque tirou um corpo ou dois – tem sete, sobraram cinco – o problema todo, a informação e toda problemática continua nos outros cinco. Quando os outros cinco voltarem para cá com um novo invólucro, advinha? Eles virão com a mesma informação com que se foram, se por acaso não tiver sido possível resolver do “outro lado”. Mas, não contem com isso, antes que já comecem a racionalizar: “Vou ‘empurrar’ para o *outro lado*”. Porque do *outro lado*, existe o mesmo que está acontecendo aqui nesta sala: palestra, palestra e palestra, *ad infinitum*. O que pode ser feito se o problema está na consciência? Enquanto não trocar a consciência, não haverá mudança nenhuma. Como é que a pessoa vai parar de psicossomatizar, se não trocar os pensamentos e sentimentos, isto é, não trocar a consciência que tem da realidade? A pessoa somatiza em qualquer lugar, em qualquer dimensão em que esteja; não muda nada. Cria problemas desse lado, do “outro lado” e continua criando. Chega uma hora em que não é possível fazer mais nada, e a única maneira é dar uma nova chance, e voltar para cá. Mas volta com problemas, nasce com um pedaço faltando, ou com um probleminha “congénito”, e, é claro, as explicações são “os mistérios insondáveis”. “Por que nasceu desse jeito?” “Empurra-se com a barriga.” Passam oitenta anos, noventa, cem. Não resolveu? A pessoa vai, volta, vai, volta; mas precisa tomar cuidado porque, cada vez que vai e volta, pode piorar um pouco. Porque persistir no erro é bem problemático, não?

Imaginem, depois de uma palestra como essa, mais uma, como a consciência tem um alto grau de expansão, como também pode ocorrer a negação. Quanto mais se expandiu, mais psicossomatiza. A pessoa sabe mais, nega mais, põe mais força na negação, o problema aumenta. Agora, imaginem ouvindo uma palestra do *outro lado*, e você fizer o que faz aqui:

negar. Aqui, ainda existe uma chance de haver um atenuante, digamos assim. “Não vejo nada; é tudo matéria.” Então, o Hélio está “viajando na maionese”, como se fala. Mas, estando do *outro lado*, a pessoa está vendo que é, literalmente, do jeito que o Hélio fala. Portanto, não adianta continuar “empurrando com a barriga”, que só vai piorar. Pelo menos de duas dimensões a pessoa já tem certeza. Pode não saber que existe mais uma acima, outra mais acima, e mais outra ainda – “Não estou vendo isso”. Sim, mas pelo menos duas ela está vendo. O povo daqui está vendo uma e usa isso como desculpa. Porém, quem está vendo duas não tem escapatória. Vai esperar voltar para cá com toda a problemática, para depois começar a mudar de novo e continuar na negativa? Pura perda de tempo e puro sofrimento desnecessário.

Então, antes que vocês, que estão do lado de cá, caiam na mesma situação, de voltar e precisarem escutar a mesma palestra... Conforme o caso, pode ser que venham nessa aqui mesmo, porque esse ciclo de palestras deve durar bastante tempo. Não desejo isso para ninguém, mas nunca se sabe... Lembram-se daquela palestra em que o Hélio falou: “Ali estão três cadeiras vazias em que deveriam estar sentadas as pessoas que vão se suicidar durante este mês”? Ponto. E lembram-se que no mês seguinte ele falou: “Chegou ao meu conhecimento que, dentre as pessoas que deveriam ter vindo naquela palestra, houve três suicídios”? Não dois, não quatro; três. Pessoas que vieram naquela palestra e que não falaram para seus conhecidos que existe o trabalho da Ressonância. O que aconteceu? Três conhecidos se suicidaram naquele mês, cravado, entre uma palestra e outra. E o Hélio tinha falado: “Ali estão três lugares, de pessoas que deveriam estar sentadas, e que vão se matar durante este mês que está entrando.” Acertou “na mosca”. Por quê? Porque aquelas pessoas não tiveram a informação de que existe a Ressonância. Então... Quanto mais se sabe, mais responsabilidade se tem.

Quando Zenão viu uma multidão andando, teve uns nanossegundos para decidir: “Corra, corra muito, em sentido contrário; talvez você tenha uma chance. Mas, se o Mestre passar perto...”, Zaqueu – subiu na árvore. Quando passou por ele, o Mestre parou e falou: “Desça, que vou ficar na sua casa hoje”. Do mesmo modo, as pessoas aqui presentes tinham duas opções: algumas, quando ouvem falar da Ressonância, tampam os ouvidos, correm, fogem, cortam o relacionamento, cortam a amizade com quem está lhe convidando, e fazem de tudo para não saber o que é a Ressonância Harmônica. Porque, senão, depois que veio à palestra, depois que foi atendida, que viu um DVD, agora precisa se posicionar; não existe meio-termo; não existe “muro para ficar em cima”; não adianta “subir na árvore”.

Para que está sendo dado esse conjunto de palestras, item por item, conhecimento por conhecimento, possibilitando tirar qualquer dúvida sobre como funciona a realidade, como é o Universo, nu e cru? É só pesquisar. Foi falado um conceito que não entende? Isso não é problema, todo mundo está evoluindo. Entre na *internet*, pesquise. Existem enciclopédias e mais. Hoje a informação, até certo ponto, está bastante aberta. “Será que é; será que não é?” Comece a pesquisar, até resolver os “mistérios insondáveis”, porque, enquanto você não chegar a uma conclusão, não pode parar de pesquisar. E não é apenas ir atrás de um livro que falou contra o que o Hélió disse “Está vendo? Existe aqui uma facção que fala contra. É dos nossos. Posso dormir em paz, porque existe um grupo que fala contra o que o Hélió disse.” Isso é autoengano. É preciso ter, pelo menos, honestidade científica. Escute um lado, escute o outro. Surgiram dúvidas, é necessário pesquisar mais. “E se o outro lado está certo, e estou indo por um caminho em que terei problemas?” É preciso abrir a mente. Pesquise. Vocês já sabem, a verdade aparece de qualquer forma. Então, quanto mais pesquisar, mais perto da verdade absoluta você chegará. E com uma vantagem, porque, quem fez a Ressonância está um milhão de anos à frente dos demais. Isso porque, por meio da Ressonância é possível ter total acesso a um conceito, a um trabalho desenvolvido por uma pessoa há milhares de anos atrás. Pode-se pensar: “Os livros dizem que ele pensava assim, agia assim, fez tal e tal coisa”. Está bem. Será que é assim? O que aquela pessoa sentia? “Vou fazer essa pesquisa.” Pede essa pessoa. A pessoa e toda a informação daquela pessoa serão transferidas, por meio da Ressonância. Rapidamente você fica sabendo como ela pensava e sentia. Você passa a ter toda a experiência dela dentro de você. Leia, então, o livro que essa pessoa escreveu, e compare o que você sente, como ficou sua intuição em relação à informação que está no livro. Você verá que, quando o livro é real, a informação coincide. Se você tiver primeiro a pessoa e depois ler os livros que ela escreveu, fica muito mais fácil de entender. Por quê? Porque é como se fosse a pessoa lendo o que ela própria escreveu. Ela transporta para você tudo absolutamente “mastigado”. Quem não tem Ressonância sente uma dificuldade grande em poder entender certos conceitos. Porém, quem tem e ainda assim não consegue, só pode ser por resistência.

Um empresário que vendeu um projeto de US\$100 milhões estava à beira de um infarto, tal a pressão que colocava sobre si mesmo. O Hélió lhe falou: “Calma, relaxe. Você precisa ler um livro para sair dessa situação. Um livro sobre o Tao, Taoísmo”. Começou a ler, teve um pouco de dificuldade; mas leu outra e outra vez. Porém, tudo aconteceu muito rápido, porque para ele era tudo ou nada. Como a motivação era grande, porque dinheiro motiva, ele persistiu e, em questão de uma semana ou duas, entendeu o conceito todo, parou, “puxou o freio”, relaxou, deixou o Tao

seguir. Tudo foi resolvido, imediatamente, os problemas começaram a ter solução e apareceu o contrato dos US\$100 milhões.

Como uma pessoa *yang* entende um conceito desses em tão poucos dias? Ele entendeu por causa da Ressonância. Sua consciência já estava expandida; então, quando entrou o conceito, era algo diferente, mas rapidamente ele conseguiu assimilá-lo à aplicação na vida prática, que virou dinheiro, imediatamente. Quantas pessoas leem um conceito como esse e “entra por aqui, sai por aqui” (*entra por um ouvido e sai pelo outro*)? Isso acontece com a pessoa que não tem a Ressonância. Não tem a expansão.

Recentemente, recebi uma cliente que já leu tudo que existe sobre o mundo Oriental, todas essas filosofias, e qual o resultado que ela está tendo até agora? “Estou perdendo a fé em Deus.” Perceberam? A pessoa leu tudo sobre todas as religiões, porque estava pesquisando... Tinha boa-vontade; estava lendo. Mas, lendo sobre todas as religiões, a qual conclusão chegou? Quanto mais lia, mais ia se afastando de Deus; não conseguia entender o conceito, não conseguia sentir. Vejam a diferença. Quem não tem a Ressonância, e tenta entender conceitos metafísicos, é como se lesse “grego”, como se fala. Mas, uma pessoa que já frequenta a Ressonância há um ano, um ano e meio, em uma semana entende o conceito e consegue aplicá-lo na vida diária, a ponto de gerar negócios de US\$ 100 milhões. Mesmo sendo um *yang* total, que nunca veio às palestras, por sinal. Só comparece ao atendimento, leva o CD; apenas isso. E chega na hora exata do atendimento, quer dizer, não fica na sala de espera, não ouve depoimento, nada. É um executivo; não tem tempo para nada, só espera por resultados. Em uma semana consegue entender um conceito oriental de energia. É nessas horas que sentimos a diferença brutal entre ter Ressonância e não ter; quando já expandiu a consciência e quando ela ainda está bem pequena: o conceito não entra.

Na palestra passada o Hélio explicou – mais uma vez – sobre libido. O que aconteceu? Explicou-se, falou-se, que quanto maior a libido, mais perto do Criador a pessoa está. Algumas questões são impressionantes. Se alguém não entende o que o Hélio explica, pode consultar dicionários, enciclopédias, pode perguntar para ele, não é mesmo? “Não entendi; o que será que ele quer dizer com isso?” Mas, não deve tirar conclusões apressadas. Durante a palestra – não ouvi na hora – uma pessoa disse o seguinte: “Se é assim, eu prefiro ficar longe de Deus”. Entenderam? Se ter libido implica estar mais perto do Criador, ou, para estar mais perto do Criador implica que eu tenha libido, prefiro ficar longe Dele. Pensem no absurdo que foi dito. Quanto essa pessoa conseguiu entender do que é

libido? É evidente que pensa que libido é sexo; não existe outra possibilidade. E só isso já mostrou uma problemática complicada, não? Se a pessoa quer ficar longe de libido, o que fará em relação ao caso do *yin* e *yang*? Como ela vai poder se dar bem dentro desse Universo em que tudo é *yin* e *yang*? Libido é a energia da criatividade, é a energia que faz tudo acontecer. A força, o *Chi*, o prana, tudo que as pessoas têm de energia criadora, isto é, O Próprio, é libido. Se tudo é *yin* / *yang*, como o *Big Bang*, o famoso, foi feito? Só com *yang*? Um pensamento *yang*, um sentimento *yang*, criou o *Big Bang*, esse Universo inteiro? Fez com que a energia expandisse? – Não é explosão; é expansão, emanção. Para que isso acontecesse, foi necessário haver uma contraparte *yin*. Então, o Criador é, ao mesmo tempo, *yin* e *yang*. Ele tem os dois dentro de si, Ele é esta unidade, reunindo os dois. Ele unido consigo mesmo, parte *yang*, parte *yin*; quando se uniram, geraram este Universo. Se a pessoa recusa libido, está com sérios problemas. E se a pessoa prefere não ter libido, e acha que com isso vai ficar mais perto do Criador, o problema é muito grande. Vejam como é radical esse tipo de raciocínio, tanto num extremo quanto no outro extremo. Como a dificuldade de resolver a questão *yin* e *yang* é enorme, quantos traumas essa pessoa sofreu para chegar a esse extremo de radicalização, de não querer libido de forma alguma, mesmo ao custo de ficar longe do Criador? Vejam até que ponto chega: para não ter um relacionamento com alguém *yang*, a pessoa prefere ficar longe do Criador.

Lembram-se de que o Hélio tinha falado: “Quantos estupros acontecem nos namoros, nos casamentos, que não são relatados? A quantidade é enorme”. Quanto essa pessoa sofreu para ter uma reação dessas? Imaginem o que será necessário para que ela possa ser curada. Como curar uma pessoa com esse grau de fechamento emocional? Só com amor incondicional. É o único sentimento que vai permitir que ela seja curada ao longo do tempo. Com certeza seu problema tem solução, porém ela precisa receber amor incondicional e esse é um produto difícil neste planeta. Lembram-se de que “vibrar é alçar um estado mais elevado de abnegação e amor”? Essa pessoa precisa encontrar alguém que lhe dê mais amor do que a si mesmo. É a única forma de ser curada. Ela precisa encontrar um *yang* para quem ela seja mais importante do que para si próprio; que as necessidades dela sejam a prioridade absoluta dele, e as dele fiquem em segundo lugar; alguém que abdique do jogo de futebol e da cerveja para conversar com ela. Percebem o tamanho do problema na vida prática? O que é amor incondicional na vida prática? É esse que acabei de mencionar. O conceito é magnífico, lindo, não? Mas na vida prática como é que se torna real? Imaginem quantos relacionamentos, quantos contatos frustrantes essa pessoa teve, para ter o grau de ressentimento que leva a esse tipo de reação. Ela não pensou num conceito filosófico; entendeu que

a conotação que o Hélio estava dando a libido era puramente sexual. Toda vez que se toca no assunto sexual o “prédio estremece”, porque esse é o tabu, não é? A expressão sexual está tão perto da questão do amor, que fica difícil separar uma da outra. É preciso muito esforço para entender as duas separadamente. Por isso, o que se tenta fazer? Evitar, nem pensar sobre o assunto, porque, pensando, é possível que a pessoa comece a migrar e a ter que, talvez, sentir amor. Se fizer sexo o número suficiente de horas, a probabilidade de surgir amor é grande, porque a pessoa está se expondo ao sentimento. É difícil fazer amor só com uma visão materialista, biológica, procurando uma satisfação puramente mecânica, biológica, sexual. Isso dura um minuto, dois, três. É por isso que o Hélio falou sobre uma experiência com macacos, em que eles ficaram dezesseis horas seguidas em atividade sexual, e essa experiência não foi divulgada no planeta inteiro; permaneceu oculta. É necessário fazer um garimpo informático para se descobrir uma pesquisa dessas. Interessante, não? A ênfase que se dá ao sexo na mídia é tamanha, que essa informação deveria valer ouro. Todo mundo deveria saber que é possível, induzir o cérebro a produzir dezesseis horas seguidas de orgasmo. Não, isso não existe como informação ao público. Por quê? Porque o risco é enorme; se as pessoas ultrapassarem os três, oito, dez minutos, o risco de entrarem na fronteira da onda do amor começa a crescer, porque é uma troca de informação.

De fato, o que se pretende é que o sexo seja feito da forma mais mecânica possível, para que se evite qualquer contaminação de sentimentos. Assim, é possível concluir que muito do que se fala sobre sexo atualmente é “lorota”, é “papo furado”, é “contar vantagem”. Se tudo o que se fala sobre sexo fosse realmente feito, esse planeta já teria mudado. Duvidam do que o Hélio está falando? Experimentem para ver. Exponhasse, para ver se a couraça do caráter não vai ser diluída. Em breve teremos uma palestra sobre Reich. Experimentem, para ver se não dilui a couraça. Mas é preciso se deixar levar. Não é fazer como no computador, virtual. Aliás, a *internet* serviu muito bem para isso, para perpetuar o problema. As pessoas fazem sexo com quem está a cinco mil quilômetros de distância, com câmera. Não há interação humana nenhuma. Isso “caiu como uma luva” para a manutenção do *status quo*. Perfeito, não? Porque, assim que fosse resolvido o segundo degrau, as coisas poderiam começar a evoluir. Enquanto se mantiver o segundo degrau paralisado, tudo continua como dantes. Então, a possibilidade de sexo virtual “caiu como uma luva” para se permanecer estagnado nesse aspecto. Mas isso não permanecerá assim. Já foi falado, haverá um esforço conjunto para se mudar a visão de relacionamento, a visão de *yin* e *yang*, de como essas duas energias devem se relacionar nesse planeta. Isso será prioridade total daqui a um tempo. Do mesmo modo que hoje vocês entram nas canalizações do mundo esotérico,

e existem n pessoas falando de prosperidade, apreciando “O Segredo” e tudo mais, para ganhar dinheiro, daqui a um tempo verão n pessoas falando de amor e relacionamentos; de como deve ser na prática para que esse planeta possa evoluir.

A informação (*respondendo a uma pergunta da plateia*) fica residente num arquivo gigantesco inerente ao próprio campo escalar do Vácuo Quântico. É feita uma gravação simultânea. Tudo isso tudo fica armazenado num lugar, que independe da dimensão em que a informação foi gerada. A informação vai para esse lugar de arquivo; não importa de onde ela foi gerada, em qualquer dimensão, qualquer Universo, tem um lugar em que fica armazenada, concentrada.

Plateia: E a questão de não fazer a Ressonância, para ver os resultados com a pessoa que está fazendo?

Prof. Hélio: Esta é problemática muito comum. A pessoa manda outro. “Vá você, faça; vou ver o que acontece com você, depois eu vou”.

Se a pessoa que está fazendo Ressonância fala sobre isso para outra, mas não é milionária, a reação é: “Primeiro quero ver se você vai ficar rico, aí eu vou fazer a Ressonância”. E quando a pessoa que está falando é uma pessoa que já tem dinheiro, que está bem, sabe qual é a “desculpa”? “Mas isso é com você. Para você dá certo.” Entendeu? Portanto, não tem jeito; sendo quem for que fale, o cético vai achar uma “desculpa” para falar “Não, não quero.” Por outro lado, mandar o outro na frente para depois decidir, é ruim, não? É ruim porque, se ele segurar o processo, se ele “puxar o freio”, se ele tiver inúmeros problemas que não quer resolver, a sua solução, tudo de benefício que poderia ter na Ressonância, não terá, porque caiu na dependência de que o outro se resolva.

É triste um raciocínio desses, não é? E outra coisa, para terminar, nesse mesmo assunto de *yin* e *yang*. O marido e mulher assistem à palestra e, quando termina, o marido fala: “Minha mulher vai fazer. Eu vou ver o que acontece com ela e então decido.” Ele manda a “cobaia”, vamos ver o que sucede... A pessoa não tem ideia do que é a Ressonância, da velocidade do crescimento que acontece nesse processo; pensa que é como qualquer outra coisa, que durará dez anos, vinte, cinquenta. Não “cai a ficha” de que se transfere uma informação inteira, que é um processo atômico; a pessoa muda de dentro para fora, na velocidade da luz. Muito rapidamente a pessoa alça novos patamares de consciência; expande muito rápido. Portanto, o risco é gigantesco. Mais um exemplo: muitos e muitos anos

atrás um casal veio à palestra; ele era um grande empresário, e falou: “Ela faz, eu não preciso.” Eu falei: “É melhor fazer junto”. “Não, ela faz, eu não preciso.” Quarenta e cinco dias depois, eu ouço dela o seguinte depoimento: “Este ‘cara’ não é tudo o que eu pensava que fosse”. Tão pouco tempo depois, ela parou de fazer a Ressonância para poder continuar junto dele, porque ele é muito rico. Perceberam? Em quarenta e cinco dias, a consciência faz “assim” (*movimento de expansão*). Então, cada um escolhe. Mas, mandar alguém na frente para ver o que vai acontecer, é muito problemático no caso de relacionamentos.

Finalizando, essas sete leis englobam tudo o que é necessário para a pessoa ser feliz, evoluir, ter uma vida maravilhosa, em qualquer das dimensões. São simples, não é necessário ser físico para entendê-las, mas era necessário fazer uma explicação de Mecânica Quântica sobre as sete leis, para esclarecer, ficar mais fácil as pessoas entenderem até onde isso foi explicado. Tentou-se passar, realmente, “o segredo do segredo” para a humanidade.

Boa noite. Obrigado.